



Explore o mesmo tema noutras ilhas dos Açores

ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES



6 ilhas têm disponível um roteiro sobre este tema, conheça as nossas tradições.



Impérios do Faial

Impérios dedicados ao culto do Divino Espírito Santo assinalados no mapa.

1. Império do Espírito Santo do Reconhecimento e Beneficência (Império dos Nobres) – Matriz
2. Império do Espírito Santo de Sant'Ana – Matriz
3. Império do Espírito Santo União e Fraternidade da Ladeira de Santo António – Matriz
4. Império do Espírito Santo de Santo Amaro – Conceição
5. Império do Espírito Santo Infantil da Volta – Conceição
6. Império do Espírito Santo da Estrada da Caldeira – Conceição
7. Império do Espírito Santo do Largo do Coreto – Conceição
8. Império do Espírito Santo Infantil da Lomba do Pilar – Conceição
9. Império do Espírito do Canto do Chão Frio – Praia do Almoxarife
10. Império do Espírito Santo da Ramada – Praia do Almoxarife
11. Império do Espírito Santo da Santíssima Trindade – Praia do Almoxarife
12. Império do Espírito Santo do Caminho do Meio – Praia do Almoxarife
13. Império do Espírito Santo das Encruzilhadas – Pedro Miguel
14. Império do Espírito Santo da Ramada (Império Amarelo ou Central) – Ribeirinha
15. Império do Espírito Santo da Santíssima Trindade (Império Vermelho) – Ribeirinha
16. Império do Divino Espírito Santo dos Espalhafatos – Ribeirinha
17. Império do Divino Espírito Santo do Salão – Salão
18. Império do Espírito Santo da Praça – Cedros
19. Império do Espírito Santo da Santíssima Trindade da Rua de Cima – Cedros
20. Império do Espírito Santo do Cascalho – Cedros
21. Império do Espírito Santo da Ribeira Funda – Cedros
22. Império do Divino Espírito Santo da Praia do Norte – Praia do Norte
23. Império do Espírito Santo do Norte Pequeno – Capelo
24. Império do Espírito Santo da Santíssima Trindade – Capelo
25. Império do Divino Espírito Santo da Ribeira do Cabo – Capelo
26. Império do Espírito Santo da Coroa da Lombega – Castelo Branco
27. Império do Espírito Santo da Coroa Velha – Castelo Branco
28. Império do Espírito Santo da Coroa Nova – Castelo Branco
29. Império do Espírito Santo da Coroa da Ribeirinha – Castelo Branco
30. Império do Espírito Santo da Ponte – Flamengos
31. Império do Espírito Santo da Lomba da Cruz do Bravo – Flamengos

32. Império do Divino Espírito Santo da Rua do Cantinho – Flamengos
33. Império da Irmandade do Divino Espírito Santo da Ramada (Império da Festa) – Flamengos
34. Império da Irmandade do Divino Espírito Santo da Santíssima Trindade (Império da Caridade) – Flamengos
35. Império Infantil dos Sinistrados do Farrobo – Flamengos
36. Império do Espírito Santo da Beneficência da Cruz do Bravo – Flamengos
37. Império do Divino Espírito Santo das Grotas – Feteira
38. Império do Espírito Santo da Caridade – Feteira
39. Império do Espírito Santo do Farrobo – Feteira
40. Império do Espírito Santo da Cruz da Portela – Feteira
41. Império do Espírito Santo da Atalaia – Feteira
42. Império do Espírito Santo do Cimo da Granja – Feteira
43. Império do Espírito Santo de São Pedro – Feteira
44. Império Infantil da Rua Vasco da Gama – Angústias
45. Império do Espírito Santo da Santíssima Trindade – Angústias
46. Império do Espírito Santo da Mocidade Pasteleirense – Angústias
47. Império Recreativo Pasteleirense – Angústias
48. Império de Porto Pim – Angústias



Vivenciar o culto ao Divino Espírito Santo

Se há ilhas dos Açores onde as memórias de erupções e cataclismos não passam ao lado, o Faial é uma delas. Nota-se isso, perfeitamente, na arquitectura diversificada dos edifícios dedicados ao Culto e à Festa, com sucessivas reconstruções, seja dos Impérios, seja das Casas de Função ou Copeiras, acabando por seguir o gosto de cada tempo. Um azulejo aqui, uma pedra trabalhada, acolá, uma coroa antiga sobre um portal moderno, anotam o modo como as comunidades vão passando além da dor da perda e recuperam os seus espaços de convívio, recusando-se, no entanto, a esquecer. Por via disso, o Faial é, porventura, a ilha onde se encontra maior variedade arquitectónica.

A alegria, convívio e partilha, características do Tempo do Espírito Santo, ajudam a ultrapassar os momentos de aflição e permitem o recuperar da energia e alegria.

À partida, as festas devem celebrar-se no tempo próprio, ou seja, entre o Domingo de Páscoa e o Domingo da Trindade, mas várias têm vindo a ser transferidas para depois disso, realizando-se no mês de Julho e adiante, como forma de permitir aos naturais do Faial, emigrados na América do Norte, poderem estar presentes, participar e cumprir promessas.

Grande parte do convívio acontece em torno das ocasiões em que são servidas as Sopas, aliás muito mais do que isso, pois incluem carne cozida, carne assada e arroz-doce, além de pão e vinho, bem como nas coroações. Os foliões, numa toada de sabor renascentista acompanham, ainda com frequência, esses momentos e festejos. Durante o período do Espírito Santo podem-se comer as Sopas em redor de todo o Faial, por convite de alguma das diversas irmandades, ou em alguns restaurantes. Durante o Inverno é possível tentar a aquisição junto de algumas instituições, que as preparam e vendem para quem queira levar e comer, como forma de angariação de fundos.

A sequência cronológica e artística das coroas, dedicadas ao Espírito Santo, é, também de salientar. Entre a coroa de prata dos Cedros, real e aberta, passando por belíssimos exemplares cinzelados, de quatro hastes, como a de Santana e a que se guarda e expõe no Museu da Horta, chega-se às mais modernas, com seis hastes imperiais. A rica variedade da ilha, com séculos de vivência, também transparece aqui.

Falando de primores de boca, não se esqueça que a massa sovada tem, no Faial, forma retangular, mas não nos podemos ficar por aqui, pois esta é uma terra onde se mantém o uso dos caramelos de leite e dos confeitos. Valem a pena o esforço de os procurar em algum estabelecimento.



CARAMELOS DE LEITE

A receita é simples e o produto coisa natural em terras onde o gado vacum e os lacticínios fazem parte do dia-a-dia, desde há séculos. Cortados em pequenos retângulos e embrulhados em papel recortado, outras vezes servidos "assim mesmo", eram comuns e apreciados, constituindo mais um elemento diferenciador entre o dia-a-dia custoso e os momentos de festa. Perdeu-se o hábito, embora ainda haja quem os faça, em algumas ilhas. Aqui, no Faial, os caramelos de leite ainda são usados, no contexto das festas em honra do Senhor Espírito Santo. Atualmente aparecem, também, oblongos, embora antigamente fossem preferencialmente quadrados. Memórias saborosas de um tempo simples, onde as doçuras eram feitas em casa.

CONFIEITOS

Feitos a partir de um grão ou semente, geralmente de funcho, a alternativa açoriana à erva-doce, recoberto de açúcar e com superfície irregular, os confeitos são conhecidos em quase todas as ilhas, mas caíram em algum desuso em várias delas. No Faial, no tempo presente, não há quem os fabrique. A dificuldade, no entanto, não impede de serem considerados elemento necessário a uma festa nos moldes corretos, existindo à venda, em muitos lados. Em tempos antigos serviam, por exemplo, para atirar entre convivas, no início da refeição e durante os momentos de espera, apanhando de surpresa algum incauto ou querendo chamar a atenção de alguém, porventura para início de conversa e namoro.

O FORMATO DA MASSA

A par do pão de trigo, em muitos casos regalo raro da boca, nas ilhas onde muito do cereal era usado em paga de rendas e foros ou embarcado para fora delas, a massa sovada aparece como algo de maior requinte. No Faial, ao que parece caso único, os pães são cozidos no forno, como de costume, mas em formas retangulares. A abundância necessária aos Bodos leva a que, fora de época, seja natural encontrar, empilhadas e guardadas, várias dezenas de formas, vazias, esperando o novo ano e o novo ciclo de festas e alegria. No entanto, durante esses longos meses de espera, é possível comprar desta massa sovada, em vários lugares, nomeadamente na Praia do Norte, onde há uma de muito bom paladar, segundo dizem.

O PARÁCLITO

Paráclito deriva do grego parákletos, que quer dizer aquele que ajuda, conforta, anima, protege, intercede. É o título dado, habitualmente, à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade Cristã: o Senhor Espírito Santo, como lhe costumamos chamar, nos Açores e é assim que Ele é visto, nestas ilhas.

Os açorianos recorrem a Ele sobretudo em busca de ajuda e ânimo. Porque alguma doença visitou o lar, a vida não corre bem, em tempo de terramotos ou guerra, quando, perante adversidades em demasia, as forças tendem a faltar. Não é entregar-se, é pedir ajuda! O que é bem diferente e faz todo o sentido a quem mora no meio do oceano, às vezes tempestuoso e agreste.

Desde logo temos as festas que, resumindo, se poderá dizer que são momentos de encontro, de partilha, de irmandade, de alegria e de paz, celebrando-se, todos os anos, entre o Domingo de Páscoa e o Domingo da Trindade, oito semanas depois, recordando, como nos tempos medievais, que todos são dignos de Misericórdia, todos são pobres e mercedores de esmola, todos merecem, ao menos uma vez por ano, ter mesa farta e alegre.

Com origens na Itália medieval, as festividades e o culto em honra do Divino chegaram a Portugal ainda nos tempos da primeira dinastia, envolvendo, segundo a tradição, a Rainha Santa Isabel, mulher de D. Dinis. As navegações oceânicas portuguesas trouxeram este culto até às ilhas atlânticas e, desde então, aqui floresce, tendo acompanhado as rotas de emigração açoriana para o Maranhão e Sul do Brasil, para os Estados Unidos, Bermuda e Canadá.

Todas elas implicam, em termos de ações com visibilidade pública, um Peditório e recolha de bens; uma semana de reza do Terço, seja no edifício do Império seja na casa de um irmão que recebeu, em sortes, o direito de ter a Coroa, entronizada em altar, na sua casa; a Coroação e cortejo - momento supremo; uma refeição festiva - a Função, e um Bodo ou dádiva de esmolas de alimentos.

Para apoiar tudo isto são dezenas e dezenas os edifícios onde o império imaterial do Paráclito assenta a sua presença física nas comunidades e há uma variada alimentação ritual associada, com sopas, cuja receita difere de ilha para ilha, alcatra, carne guisada, arroz-doce, alfenim, e uma multiplicidade assinalável de pães de leite, de água ou de massa sovada, de rosquilhas, de bolos de véspera com lindas marcas, etc.

O apego ao Senhor Espírito Santo, enquanto conforto e arrimo, derramou-se, porém, ao longo dos séculos, por imensos e variados aspetos da vida, nas ilhas dos Açores.

Em resultado deste modo de sentir, fortemente comunitário e solidário, existem fortalezas, ruas, hospitais, esculturas e talha esculpida, coroas de prata e alfaia, peças de cerâmica decorativa, embarcações e navios, nomes de lugares e de povoados, memórias e histórias, contadas de geração em geração.

O claro tronco comum, apesar da variedade de costumes entre as ilhas, apenas serve para salientar que se trata de um sentimento profundamente unificador e marcante na identidade dos açorianos, cujo fio vale a pena seguir, percorrendo estas ilhas e lugares.

A Força do querer, Praia do Norte

O lugar onde "rebentou o fogo", em Abril de 1672, chamava-se, à época, o Cabeço do Rilha Boi, e, jorrando lava por duas escoadas diferentes, uma dirigiu-se para a Praia do Norte, destruindo tudo, dispersando a população e forçando a emigração de muitos, para o Brasil. O lugar passou a chamar-se Cabeço do Fogo e a freguesia foi extinta e integrada na do Capelo, só voltando a ganhar foros de autarquia autónoma em 1845. Em 1957 a freguesia foi, de novo, assolada pelos efeitos da erupção dos Capelinhos. Muitas terras, próximas do vulcão, voltaram a ficar cobertas de cinzas, as casas destruídas e as gentes a emigrar, agora, para os EUA. Passando por sobre todos esses eventos, inclusive o mais recente terramoto de 1998, e a comprovar a força de ânimo, as instalações da Irmandade do Império da Praia do Norte estão aqui, prontas a receber a Festa e lembrar o Senhor Espírito Santo. O Painel de azulejos, apresentado a quem passa, garante a lembrança.



A memória da erupção e da reconstrução, Capelo

Na zona da ilha mais afectada pela erupção dos Capelinhos, em 1957, muitas foram as casas destruídas ou soterradas pelas cinzas. Silenciada a erupção havia que retomar a vida e assim foi. Só que os impérios que surgiram, oferecidos pelo governo, reflectem o construir de meados do século XX, em Portugal. Fortes, duros no diálogo com a paisagem, nada decorados, si-sudos no modo como estão à beira do caminho, quase passam despercebidos. Quem olhar bem reconhece a coroa, em algum lugar da fachada, e o mastro, para a bandeira, de resto, mais nada. Vale-lhes a Festa e os dias em que as sopas são servidas. Nesses momentos brilham de bulício, cor e alegria.



Entre o adro e o altar-mor, o mesmo Espírito, Feteira

Aqui, o Espírito Santo, além de justificar a presença do tradicional império, é o orago da paróquia. Por isso, todo o espaço como que fica tomado pela mesma ideia, embora em diferentes representações. Podemos posar o olhar sobre o pequeno edifício algo diferente, de base hexagonal, à entrada do adro, olhar, depois, para a enorme coroa de pedra negra, embutida, mas em relevo, ao alto da fachada da igreja e, finalmente, no interior, apreciar a bonita tela evocativa do Pentecostes.



A humildade da lembrança, Ribeira Funda

Todos os edifícios das terras mais próximas do vulcão dos Capelinhos ficaram destruídos ou profundamente arruinados, em resultado da erupção de 1957, inclusive os impérios. Muita gente emigrou, mas alguns quiseram regressar às suas terras, casas e lugares, recuperando lenta e laboriosamente o que era possível do seu viver. Só que reconstruir pode revelar-se complicado, quando se pretende reencontrar mais do que um edifício e os impérios são a casa onde o Espírito Santo habita durante os dias de sopas e de festa. Perante as desventuras o povo da Ribeira Funda encontrou maneira de reviver. Foram buscar uma pedra do edifício antigo e encastaram na parede do novo. A continuidade da memória ficou salvaguardada e a Festa ganhou um novo lugar.



A antiguidade da Festa, na prata de uma Coroa, Cedros

Muitos chamam-lhe a Coroa Real e, de facto, sem as habituais imperiais, fechando em cima, assim é. A coroa dos Cedros, trabalho de cinzel lindo, além de ligada a uma história muito interessante, mostra, nessa característica de coroa aberta, a antiguidade das Festas do Divino. Conta-se que foi deixada para trás por um rei mouro, durante um assalto pirata à ilha. Descoberta a falta o rei voltou em busca dela, desta vez disfarçado de marinheiro comum. A desconfiança, porém, instalou-se pelo perguntar insistente, e uma mulher, dos Cedros, que a havia achado, escondeu-a, enfiando-a numa perna como se enfia um anel num dedo. Sabendo o valor e querendo ficar com ela, deixou-a na perna, tempo demais, e tirar já não foi possível. A perna inchou e tiveram de a cortar, soldando-a, depois, coisa que ainda se pode ver. Usada pelo povo como coroa do Divino, acabaram por fazer uma réplica, mais recentemente, permanecendo a antiga em casa do mordomo de cada ano. É questão de perguntar.



Uma tipologia diferente de casa e de festa, Ribeirinha

Porventura por razões climáticas ou por hábitos antigos de comunidade, os impérios do Faial têm uma arquitectura que inclui, quase sempre, uma Copeira, ou Casa de Função. Ai, em comunidade, honra-se o Divino, comem-se as sopas, festeja-se um tempo diferente e partilha-se a festa, à sombra protectora da Coroa do Espírito Santo e das insígnias, no seu altar, enfeitado e engalanado. Este apresenta um bom exemplo, com a particularidade do pequeno pátio de ligação, entre os diversos componentes.



Um verdadeiro contraste, Horta

O edifício do império de Santana é um dos mais pequenos e simples, construído na esquina das ruas Médico Avelar e Eduardo Bulcão, e quase passa despercebido. Paredes brancas, vão único de entrada, a graciosidade advém das decorações e remates em cantaria, do formato neogótico da porta e, sobretudo, da coroa, negra, encimada por pomba branca. O mastro está ao lado. É o suficiente e bastante para, de novo, sermos levados a perceber que o fausto da Festa em Honra e Louvor do Divino é essencialmente algo de imaterial e para ser vivido e partilhado. Vale a pena passar aqui para, depois, ir ao Museu de Arte Sacra ver a coroa.



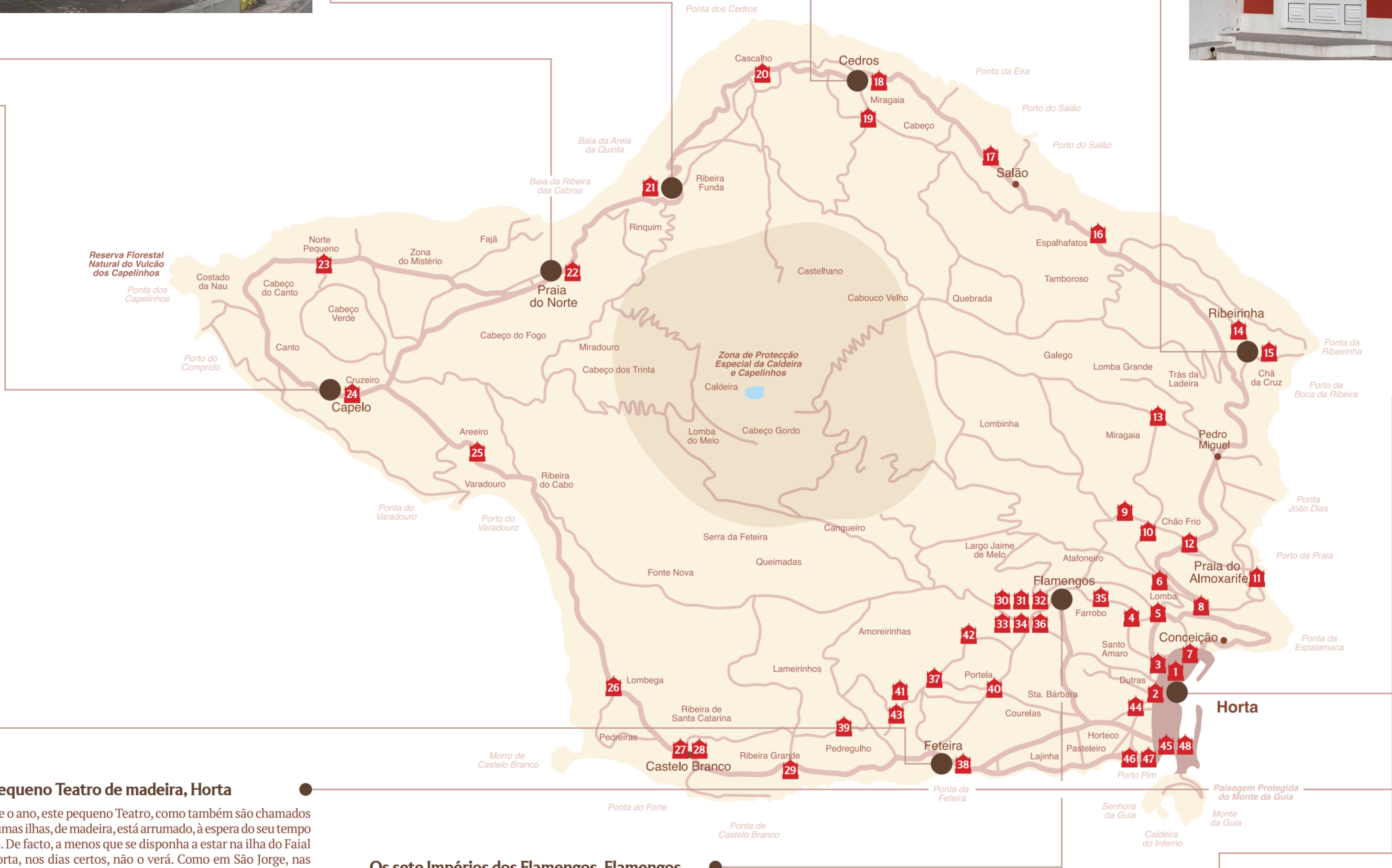
Espírito, religiosidade e cultura. Museu da Horta, Horta

As coroas de prata, criadas pela devoção ao Senhor Espírito Santo, variam de trabalho, de decoração, de pormenores e de esplendor. Não variam, se é possível dizer assim, no esforço de dar qualidade a uma devoção profundamente enraizada no povo dos Açores. A coroa que se guarda e apresenta no Museu da Horta merece, como aliás muitas outras, nas ilhas, um olhar demorado, com detalhe e tempo, seja pelo trabalho de cinzel finíssimo, seja pelos elementos decorativos usados. A par disso, outra peça merece destaque, pelo pormenor e material usado. É um trabalho de Euclides da Rosa, feito em miolo de figueira, material tradicionalmente usado nesta zona do arquipélago, em obras finas e delicadas. Chama-se "Aldeia Açoreana", "Fayal-Açores", está assinado "E Rosa" e é uma recriação fantasiada de um povoado costeiro, dos Açores. Em primeiro plano, junto à costa, singelo, mas perfeitamente identificável, lá está o pequeno edifício de um Império do Senhor Espírito Santo.



O Império dos Nobres, Horta

O Império de Reconhecimento e Beneficência, vulgarmente conhecido como Império dos Nobres, surgiu em consequência da crise e erupção de 1672, acontecida junto da freguesia da Praia do Norte. A crise foi longa e violenta e, a 18 de Maio desse ano, a Câmara Municipal da Horta oficializou um voto de que, "Em dia do Senhor Espírito Santo, todos os anos e enquanto o Mundo durar, sairá uma procissão solene, ordenada pelos oficiais da Câmara, da Igreja Matriz à Igreja da Misericórdia" os gastos correriam por conta da Câmara. Quase 100 anos depois, em 1760, o edifício foi erguido, em memória dessa erupção e consolidando o voto. O nome deriva das despesas da festa serem inicialmente suportadas pelos nobres. A Câmara pagava as despesas da procissão e os nobres as despesas da festividade.



Um pequeno Teatro de madeira, Horta

Durante o ano, este pequeno Teatro, como também são chamados em algumas ilhas, de madeira, está arrumado, à espera do seu tempo próprio. De facto, a menos que se disponha a estar na ilha do Faial e na Horta, nos dias certos, não o verá. Como em São Jorge, nas Velas, e em pouquíssimas outras situações, a festa surge na rua, o Teatro é montado e engalando, oferecendo à Coroa e às insígnias a dignidade esperada e devida. É a Coroação, o Bodo, a partilha e a Festa. Depois... guarda-se tudo, até ao ano seguinte. É o Império União e Fraternidade, montado na antiga Calçada ou Ladeira de Santo António, que agora se chama, oficialmente, Rua Advogado Graça, mas que, para os faialenses, continua a ser a ladeira do Santo português. O Império não está atualmente em funcionamento.



Os sete Impérios dos Flamengos, Flamengos

Um Império do Espírito Santo é essencialmente uma ideia e um sentir e, para existir um Império assim é preciso haver uma Irmandade. Numa aparente contradição, o mais elevado nível de dominação não necessita de quem mande, mas de quem sirva, e de um grupo de iguais, de irmãos, para apoiar as celebrações de alegria e partilha, em honra do Paráclito. De facto, podem ser "levantados" tantos Impérios quantos se quiser e puder. Numa das poucas freguesias dos Açores de onde não se vê o mar, o Espírito Santo é chamado a esta presente sete vezes, talvez numa inconsciente alusão ao bíblico número da Eternidade e aos Seus Dons. De facto, em cada ano, são aqui "levantados" sete Impérios, ou seja, são organizadas e realizadas sete Festas em Louvor do Divino.



Coroa de Santana. Museu de Arte Sacra, Convento do Carmo, Horta

Segundo alguns, esta bellissima coroa de prata terá a ver com o Visconde de Santana, embora a relação natural seja feita com o pequeníssimo Império na esquina e ao fundo da rua Visconde Santana, que começa no antigo Palacete e termina precisamente junto ao Império. Cinzelada a preceito, é caso raríssimo ou, até, único, de uma coroa onde aparece algo mais, para além da pomba, representando o Paráclito. Neste caso é uma pequena figura de Santana, doirada, fixada a uma das hastes. O ceptro, coisa rara também, é extensivo. A enorme distância que existe entre esta grandiosa beleza e o pequeno Império, com o mesmo nome, é a mesma que separa a simples materialidade das coisas e as Festas em Honra e Louvor do Divino, nos Açores.

